

NIETZSCHE E A LINGUAGEM EXTRAMORAL: ELEMENTOS PARA PENSAR/DIFERIR A EDUCAÇÃO

Gilcilene Dias da Costa¹
gilcilene@ufpa.br

Resumo: Com base na obra *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, o texto enseja um estilo de linguagem extramoral, tão fictício quanto real, cujo cenário vislumbra dois personagens nietzschianos, Zaratustra e o Último Homem, dispostos em um conflito existencial envolvendo a moral de todos os homens. O diálogo improvável entre os personagens deflagra a fragilidade dos valores humanos e as aflições de um tempo (talvez o nosso) que oscila entre a aurora desejante por *uma* vida e o crepúsculo niilista do *nada* poder para bem viver nesta vida. Apoiado na noção derridiana de "ecce animot", ao referir-se a Nietzsche como um "animal autobiográfico" fazedor de seu próprio rastro, o texto invita o leitor a pensar/diferir a educação nos rastros de uma filosofia da diferença erigida como linguagem-outra, extemporânea, extravagante, extramoral.

Palavras-Chave: Linguagem Extramoral. Filosofia. Educação.

Abstract: Based on the work *Thus spoke Zarathustra*, by Friedrich Nietzsche, the text envisaged a extramoral language style, as dummy as real, whose fictional scenario sees two characters nietzchianos, Zarathustra and the Last Man, arranged in an existential conflict involving the morale of all men. The unlikely dialog between the characters breaks out the fragility of human values and the tribulations of a time(maybe our) that ocillates between the dawn desiring by a nihilist and the twilight of life nothing power to good living this life. Supported by Derrida's notion of "ecce animot", when referring to Nietzsche as an "animal" doer of his own autobiographical trail, the text the reader to consider differ the invita education trails of a philosophy of difference erected as another language, extemporaneous, extravagant, extramoral.

Key-words: Extramoral language. Philosophy. Education.

PRELÚDIO...

Estudar/percorrer os labirintos da linguagem na filosofia de Nietzsche constitui um dos grandes desafios a pesquisadores de diferentes áreas no meio acadêmico. Ora com duras marteladas, ora com uma sonoridade musical, a linguagem desse filósofo-errante atravessa espaços inauditos e inabitáveis muito além de nossa compreensão, disseminando uma multiplicidade e uma heterogeneidade de linguagens-outras (aforismos, metáforas, máximas, sátiras, líras, etc.) extemporâneas, errantes, extravagantes a um só tempo.

Dizemos com Larrosa (2002, p. 8) que “o texto de Nietzsche funciona como um catalizador de nossas perplexidades”, uma sonoridade que transpassa os séculos com sua inquietude sempre atual, em vias de se fazer no presente ou no futuro. Essa “música chamada Nietzsche” por vezes ressoa como incompreensão e aflição em frente dos acordes musicais do “bom gosto” historicamente estabelecido; por vezes ressoa como inconformismo e indignação em frente das epopeias surreais que conclamam rebeldes e desvalidos a lutarem entre si.

Se como martelada ou sonoridade, o certo é que as circunstâncias existenciais que levaram Nietzsche a pensar o seu tempo, no âmbito de uma filosofia prática, repercutem em nosso tempo como uma atualidade incontornável merecedora de amplo estudo e interpretação. A *arte da interpretação* é, a saber, uma das caras assinaturas de Nietzsche, com seu estilo e linguagem inconfundíveis plenamente questionadores das “verdades” impostas como absolutas e universais. Incontáveis vezes, em frente das convenções da linguagem, concebidas como “produtos eventuais do conhecimento e do sentido da verdade” (NIETZSCHE, 1873/2011, p. 3), feitas para durarem em concomitância às “verdades” das coisas e suas designações, Nietzsche nos leva a questionar sobre o valor das verdades, culminando numa arte de interpretação: O que são as verdades? Do que tratam e do que se nutrem? O que quer aquele que institui o valor das verdades? Como podemos interpretar as verdades e suas pretensões? Sob que condições podemos interpretar? O que resulta de um trabalho de interpretação? O que quer, afinal, aquele que interpreta? Ao que tudo indica, a arte da interpretação nietzschiana funciona como um jogo sempre aberto, sem perguntas e respostas previamente definidas; arte geradora de *interpretações de interpretações*, ou seja, apenas *perspectivas* erguidas como verdades fabricadas para durarem certo tempo.

A arte da interpretação nietzschiana coaduna-se a uma estética existencial cujo *estilo* consiste em *dobrar* a língua e o pensamento a fim de produzir uma *diferença* nos intervalos da criação. Assim denominada, a linguagem extramoral do pensar nietzschiano funciona impulsionada por um duplo movimento de *criação-destruição*, o qual não supõe a abolição dos estratos (que são os sistemas fixos do mundo, do pensamento), mas implica, isto sim, o ato de perfurar a língua gravemente, rasgar os estratos ao ponto de provocar um vazamento corrente pelo qual escoar algo fluido, liso ou maleável como a própria linguagem (desse modo, os aforismos e as tantas outras linguagens de Nietzsche nos

chegam como uma sonoridade, uma variação da língua com estilo próprio – na melhor acepção deleuziana).

Diríamos, pois, assumindo com Nietzsche uma perspectiva descentrada de linguagem, que as motivações do presente texto visam a problematizar habituais modelos ou convenções de linguagens historicamente instituídos que dão margem à legitimação de saberes tidos como “verdades” no campo da educação, os quais operam em conformidade com os padrões normativos da linguagem e dos comportamentos socialmente aceitáveis. Caberia, por conseguinte, numa direção contrária aos modelos socialmente instituídos de linguagem, falar de *variações da língua* (DELEUZE e GUATTARI, 2002), isto é, de uma dobra (interior e exterior) da linguagem e do pensamento produzindo movimentos intensos de criação. *Varição* – ao modo de Deleuze e Guattari (2002) – é uma arte que só se consegue *dobrando* a flecha do pensar sobre si mesma; uma diferença de grau gestada nos intervalos da criação num movimento de eterno retorno da linguagem, como em Nietzsche.

Eis o postulado do valor estilístico do filosofar nietzschiano: valor transgressivo, inventivo, ativo, digno de uma arte transfiguradora da linguagem a percorrer os labirintos da criação, ao ponto de se perceber que muitas vezes *Zaratustra não é a boca para certos ouvidos*. Isto posto, diríamos que a filosofia da linguagem em Nietzsche se faz mediante uma teia ou tecido de perspectivas de pensamentos e discursos que se entrelaçam num emaranhado de signos profícuos à análise da vida, dos valores, da educação, da arte e da própria linguagem, entendida como *estética da criação* de discursos-outros muito além dos modelos universalistas de linguagem, sujeito e verdade secularmente estabelecidos.

Num primeiro plano de apresentação, o texto invita o leitor a pensar/diferir a educação nos rastros de uma filosofia da diferença erigida como linguagem-outra, extemporânea, extravagante, extramoral, como o próprio Nietzsche. Em seguida, a noção derridiana de “*ecce animot*”, ao referir-se a Nietzsche como um “animal autobiográfico” (DERRIDA, 2002), fazedor e seguidor de seus próprios rastros, nos põe a interrogar sobre: Quem é Nietzsche para nós? Que caminhos seguiu para chegar a ser “*ecce animot*”, fazedor de seus próprios rastros? Com que ajuda e por quais meios ele chegou a esse patamar de animal de pele nua, incapturável, destemido, um enigma que transpassa os pendores e as vicissitudes de sua própria elevação?

Num terceiro plano, inspirado no estilo de linguagem extramoral que singulariza a obra *Assim falou Zaratustra* (1885/2000), de Nietzsche, o texto enseja um estilo de linguagem, tão fictício quanto real, cujo cenário vislumbra dois personagens nietzschianos, Zaratustra e o Último Homem, dispostos em um conflito existencial envolvendo a moral de todos os homens. O diálogo improvável entre os personagens deflagra a fragilidade dos valores humanos e as aflições de um tempo (talvez o nosso) que oscila entre a aurora desejante por *uma* vida e o crepúsculo niilista do *nada* poder para bem viver nesta vida. De dentro deste cenário, é possível entrever a aurora e o crepúsculo retumbante que acercam a passagem do humano pela corda da existência, admitindo-se a impossibilidade de permanência em uma das margens (aliás, na filosofia de Nietzsche, o homem segue sendo uma “corda sobre o abismo”, isto é, apenas *passagem*).

A linha mestra dessa abordagem de linguagem, ao mesmo tempo estilística e existencial, anseia *jogar* com a moral de todos os homens, como num jogo de tabuleiro, estremecendo antigos valores fincados a ferro e a fogo na cultura de nossa educação. No exercício dessa linguagem extramoral, é possível entrever conflitos e perspectivas que muitas vezes se chocam ou se fragilizam no decurso de nossa existência, sem que possamos, a contento, definir um limite ou horizonte a ser transposto (algumas vezes, conforme veremos adiante, Zaratustra declina, enfermo, ao degrau do Último Homem).

Aquilo que o texto descortina tem a ver, talvez, com uma linguagem anárquica, extravagante, saída do submundo da moral e diferindo-se dela, feita de fragmentos errantes dessa moral em diálogo com o seu fora, com signos dispersos, incapturáveis à própria moral; daí tratar-se de uma linguagem flutuante, construída ao acaso dos encontros que afetam (de alegria e de tristeza) os personagens aqui presentes, oscilando como um pêndulo, entre valores que elevam e uma moral que declina num rasgo existencial.

Dir-se-ia, por fim, que o plano de ação dessa linguagem extramoral não se encontra “além” ou “aquém” da moral (a qual se estabelecesse, ainda, enquanto moral), mas sim, *uma* linguagem extramoral imersa e subtraída do mergulho *interior* de uma moral enredada, instigada pelo *exterior* estranho à sua própria constituição; uma linguagem capaz de, *a partir* dela, *com* ela, *contra* ela, *através* dela, entrever os temores e os júbilos existenciais que perpassam os enigmas da condição humana. A essa linguagem extramoral poderíamos chamar, em igual proporção, de uma *arte da variação como*

estilo (DELEUZE e GUATTARI, 2002), isto é, uma arte de dobrar a língua e o pensamento por vias da criação de uma “estética da existência”, como preferiu Nietzsche, uma arte trágica sonoramente regida por vetores de criação-destruição.

1 PENSAR/DIFERIR COM NIETZSCHE

O Pensamento da Diferença constitui, na contemporaneidade, um dos campos filosóficos mais profícuos a pensar a educação como espaço de multiplicidades e singularidades dos modos de aprender e ensinar muito além dos modelos universalistas de sujeito e verdade instituídos secularmente. A partir dessa abordagem, Friedrich Nietzsche (1844-1900) é certamente um filósofo cujo pensamento é atravessado pela diferença; do alto de seu perspectivismo, não cessou de lançar um olhar crítico e visionário sobre a cultura de seu tempo, estremecendo os processos de homogeneização dos valores (desertos para onde marcham frequentemente as culturas).

No movimento da *crítica-criadora-destruidora* de Nietzsche, a destituição dos modelos socialmente estabelecidos aparece como um caminho inevitável a ser percorrido no plano de “transvaloração de todos os valores”, porém, mais fortemente, a singularidade de seu pensar é notada na afirmação incontestável do *eterno retorno* como imagem da diferença e da repetição, anel cósmico do retorno e da criação no qual o velho e o novo insurgem incessantemente.

Ao estabelecer a crítica dos valores estabelecidos e a perspectiva da criação de novos valores, Nietzsche contribui significativamente para uma educação da diferença, uma educação que recusa receber como encargo o saber produzido por gerações passadas e destinar à juventude dos novos tempos a reprodutibilidade passiva desses saberes, subjugando a potência de novas criações. E nada irritou tão gravemente o jovem Nietzsche, nos seus anos de vida acadêmica, do que ter diagnosticado – em seus ensaios sobre “o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino” – uma educação como resultado de uma atividade receptiva, mecânica, tendo um ensino que não vivifica e um saber que esmorece a atividade plástica do pensar (NIETZSCHE, 2003).

Na perspectiva de Nietzsche, uma educação que caminha lado a lado com a arte e com a vida não se alimenta do desejo de ter os mais jovens como posse, levando-os a agir sob o comando dos mais velhos ou iluminados (sobretudo, padres, pais, mestres, etc.); de modo contrário, vislumbra

Nietzsche, uma educação como *arte* precisa colocar à disposição dos jovens a “força plástica” do pensamento, dando-os a transformar em sangue o saber produzido para utilizá-lo, como artífices, em todo ato criador.

Ao aproximar a educação da arte, a arte da vida, Nietzsche restabelece a ligação da filosofia com as forças plásticas do pensamento, invitando-nos a viver a educação tal como um artista vive a sua arte, como pura indeterminação. Com isso, o filósofo da diferença abre margem para uma polifonia convulsionada de vozes e linguagens, um sem-sentido que se traveste em linguagem-*outra*, interpretação-*outra*, percepção-*outra* alijadas dos imperativos “eu” e “identidade”. Diríamos, pois, que a potência desse pensar/diferir incide na abertura de canais e adjacências, planos móveis que se interligam a uma multiplicidade de modos de vida heterogêneos e singulares, extemporâneos ao tempo e ao lugar.

Em seus desdobramentos no campo da educação, a filosofia da diferença de Nietzsche nos chega como uma dinamite, um pensamento transbordante e desconcertante, um *continuum* gerador de um duplo processo: *criação-alegre/destruição-alegre*. Se bem que a filosofia de Nietzsche é prenhe de paisagens e sonoridades que a tornam leve, e a partir das quais a educação e a linguagem ganham ares de jovialidade, aurora e esplendor, mas não sem antes fazê-las fremir e provar da seiva da transmutação das forças inerciais que as impedem de voar livremente. A seiva desse pensar se expressa por uma potência afirmativa que impede a educação de subjugar-se aos desígnios da identidade ou de ter um rosto notável e para sempre.

De dentro do pensamento avassalador de Nietzsche são lançadas as flechas de anseio por outra educação, outras sonoridades, novas linguagens; uma “arte da ruminação” que nos ensina a espreitar os pensamentos e as ações para elevá-los à prova do alto e do baixo, com leveza e gravidade; arte por meio da qual se opera uma substancial transmutação do alimento em algo novo, suplemento necessário para a vida (educação como alimento para o corpo e para o espírito); arte que se faz por desejo e rebeldia (não por inércia e apatia); arte cuja embriaguez nos permita alçar voos mirabolantes em rajadas de criações.

A arte, para Nietzsche, é uma força capaz de criar as condições de possibilidade para o surgimento do *novo* e do extemporâneo; de dar vazão ao desejo como uma flecha do anseio lançada à

vertigem da criação; de arriscar viver uma experiência artística como risco e criação. Arte como espírito inquiridor, frêmito da embriaguez, delírio aventureiro à espreita do *novo* de um currículo. Arte como estética existencial, *espírito artístico*, desejo ou força que reúne “sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós” (NIETZSCHE, GC, 2001, p. 13). Arte como cultivo da sensibilidade estética (corpo e espírito), aprimoramento dos sentidos, das ações, do pensamento, por meio de novas experimentações. Arte como dimensão transfiguradora de realidades e sentidos, experimentação que propicia o transbordamento do ser e eleva o instante da criação a sua eternidade. Arte por meio da qual nos tornamos livres – “espíritos livres” – e como tais já não podemos agir de outro modo senão por um rigor e um questionamento radicais de nós mesmos. Arte que é como uma enfermidade e uma saúde – a convalescença – de onde “voltamos *renascidos*, de pele mudada” (NIETZSCHE, GC, 2001, p. 14), isto é, mais suscetíveis à alegria da criação. Arte que significa, enfim, deixar às margens o aprendido para arriscar viver no risco do aprender de novo, ou, simplesmente, *viver*.

2 ECCE ANIMOT, O ANIMAL-NIETZSCHE

Quem é Nietzsche para nós? E como podemos chamá-lo?

Certamente, uma *indeterminação*.

Nietzsche talvez seja o mais próximo (e também o mais distante) da ideia do que vem a ser o animal para nós, o animal em nós. Mas que adjetivo usar para denominar esse filósofo errante a quem o próprio sentido da palavra desaparece abruptamente? Melhor não usá-lo. Ou, no caso de usá-lo, que seja somente por *fabulação*.

Tomemos, então, por empréstimo de Derrida (2002) em *O animal que logo sou (a seguir)*, a escritura “*ecce animot*” para remeter a Nietzsche como um “animal autobiográfico”, fazedor e seguidor de seus próprios rastros. Mas não sozinho! Com a ajuda dos animais que seguiu o filósofo teria instaurado um pensamento da diferença, expressão própria de sua singularidade.

Amou os homens. Menos as mulheres. Mais ainda os animais. Ao ponto de se confundir com estes. Foi visionário, santo, eremita. Mas também, águia e serpente (seus animais preferidos, dos quais

jamais se separou). Encontrou mais perigo entre os homens do que entre os animais, que o espreitam o tempo todo. Com ou sem rosto, eles o seguem. Não existe interior sem exterior! Junto deles, multiplicam-se a selvageria e a prudência.

E aqui estão os seus animais, a águia e a serpente. Na amizade, eles irão formar o anel do eterno retorno: uma águia que voa em amplos círculos no ar e uma serpente enroscada em seu pescoço, não como presa, mas como amiga, pois assim se unem a altivez e a prudência a guiá-lo em sua transição e ocaso. Da águia herdou a altivez, o espírito aventureiro e explorador que o segue em sua loucura. Da serpente, a prudência, o espírito tranquilizador, a espreita que lhe impõe cautela. “Perigosos são os caminhos de Zarathustra. Possam guiar-me os meus animais!” (NIETZSCHE, *Za/ZA*, Prólogo, §10).

Jamais os domesticou (e se uma coisa Nietzsche odiou profundamente nos homens foi a malvada domesticação de animais). Seus animais gozam de plena liberdade, vivem plenamente soltos. Deles se afasta e retorna por livre vontade, assim como eles, dele. Nunca prescindiu de suas companhias: são o seu refúgio e a sua voz.

Em unísono, tagarelam-lhe ao ouvido o tempo todo. Exortam-no a sair da caverna, a descortinar o mundo. Chamam-no de *o mestre do eterno retorno* – seu inevitável destino, porém, seu perigo e sua enfermidade. Invitam-no a cantar, a dançar! Mas também se calam em respeito ao seu silêncio e seu sofrimento, quando Zarathustra se recolhe, enfermo ou convalescente, a discorrer com a sua própria alma.

Dono de um pensamento abissal, muitas vezes mergulhou – como a maioria dos outros homens – no declínio e na queda. Mas sabe voar! Ó abismo de luz! Desenvolveu asas para isso. Tem o espírito altivo e elevado. É capaz de compor novas líras mesmo quando o canto da melancolia lhe deseja acamar.

Não foi egoísta. Empenhou-se em ensinar os homens a voar, apesar de suas pesadas vestes. E aqui está a sua doutrina: “quem quiser, algum dia, aprender a voar deverá, antes, saber ficar em pé e caminhar e correr e subir e dançar, – não se voa à primeira!” (*Za/ZA*, “Do espírito de gravidade”, § 2). Ao espírito de gravidade contrapôs a leveza do espírito.

Preferiu a nudez – a nudez animal – a este invólucro de nobres adornos que os homens usam para disfarçar sua gravidade. Preferiu o estrondo, o raio, o trovão, as maldições a essa acautelada tranquilidade do “meio querer”, da “meia-vontade” – essa medíocre resignação a que se chama “pequena vontade”.

Diante das perguntas: Quem é Nietzsche para nós? Como devemos chamá-lo? O próprio Nietzsche nos oferece como respostas outras perguntas: “Será um prometededor? Ou um cumpridor de promessas? Um conquistador? Ou um herdeiro? Um outono? Ou uma relha de arado? Um médico? Ou um doente que sarou? Será um poeta? Ou um assertor da verdade? Um libertador? Ou um forjador de grilhões? Um bom ou um mau?” (Za/ZA, “Da redenção”). De perto ou de longe, não se saberá nunca precisar. Somente se poderá dizer que entre os homens ele caminhou, mas também entre céus e abismos, deixando em estilhaços o futuro que ele próprio descortinou. Não foi nuvem, foi *raio*! Não foi homem, foi *dinamite*!

O animal-Nietzsche!

Por sua força, fomos arremessados para os confins do homem. Por sua arquitetura, ficamos definitivamente ligados ao animal como um dos “próprios” de nossa existência. Teria ele (com a ajuda dos animais que seguiu) construído ou desconstruído a ponte que se estende sobre o abismo e que anuncia a nossa transição e ocaso? Teria ele reanimalizado a genealogia do conceito de animal (a contragosto dos que já o teriam humanizado)? Mas que espécie de “animot” é essa que prolifera à revelia dos homens comuns? Que crava o seu olhar visionário para além do tempo presente? Que se desmancha em gargalhadas e sátiras sobre o destino do homem que testemunhou definir?

E o que dizer daquele outro animal a que Nietzsche renunciou: o *Último Homem*. Este, ainda e sempre um animal. “Animal de tipo novo” na escala de uma involução que vai do verme ao homem. Por sinal, a história da evolução humana revela essa triste involução da humanidade ao passar por uma linha de retrocessos muito mais que de avanços, como a indicada por Nietzsche (Za/ZA, Prólogo, § 3): “Todos os seres, até agora, criaram alguma coisa acima de si mesmos; e vós quereis ser a baixa-mar dessa grande maré cheia e retrogradar ao animal, em vez de superar o homem?”.

Não sem motivos, e por incontáveis vezes, Nietzsche atestou a dolorosa vergonha da “evolução” humana: “*do verme ao homem*”. Pois assim caminha a humanidade: não para frente, mas

para trás caminham os trasmundanos! Assim está dito no Zaratustra de Nietzsche: “Outrora, a alma olhava desdenhosamente o corpo; e esse desdém era o que havia de mais elevado; – queria-o magro, horrível, faminto. Agora, querem-no engordado. Pensava, assim, escapar-se dele e da terra. Oh, essa alma era, ela mesma, ainda magra, horrível e faminta; e a crueldade era a sua volúpia!” (Za/ZA, Prólogo, § 3). Pois foi nisto o que se tornou o último homem, o homem do niilismo: um verme parasita que espreita o melhor momento para corroer o organismo vivo desde as suas entranhas.

Os parasitas! Espécie rastejante que espreita a vida fácil, que engorda a custa das chagas secretas encontradas nas almas dos que se elevam não sem deixar entrever o ponto frágil de seu cansaço, desânimo ou pesar. Não amam, mas ainda assim pretendem viver do amor. Não desejam, mas ainda assim pretendem viver de pequenas vontades. “Ai, se esses – tivessem o pão de graça!” (Za/ZA, “De velhas e novas tábuas”, § 22). Por quais outras coisas gritariam? Trabalhariam para rapinar, ganhariam para ludibriar.

Ai, se esses vermes aprendessem a voar! A que altura não voaria a sua rapacidade!/? Grandes ou pequenos. Fortes ou fracos. Não há exceção! Em todos reside o *verme-homem*. Há pontos em que o forte é fraco e o nobre é demasiado indulgente – ali o parasita constrói o seu desprezível ninho. Decerto, de correntes e contracorrentes, de preamar e baixa-mar é feita a nossa natureza: “– oh, como a alma mais excelsa não teria os piores parasitas?” (Za/ZA, “De velhas e novas tábuas”, § 19).

Parasitas de vida longa, os últimos homens são um grande empecilho ao surgimento do novo homem. Do fundo de seu orgulho, eles se aferram na inteligência que diz: “Inventamos a felicidade!”. Gente de vida regrada, dizem amar ao próximo como a si mesmos, mas, de quando em quando, uma dose de veneno moral faz entornar a seiva da maldade que lhes consome desde dentro, e muitas vezes dissimulam fazer o bem dando de ombros ou piscando os olhos. São os mais sutis! Em verdade, dissimulados são os últimos homens! A máscara da humildade (ainda sempre uma máscara) mal serve para disfarçar o brio de glória que lhes escorre da face, em êxtase de amor-próprio.

Estes parasitas, se com a vida alguma coisa aprenderam, *aprenderam mal*; se junto ao mundo colheram frutos e comeram, *comeram mal*. Cedo demais, depressa demais! Não admira que tenham adquirido um estômago estragado! (E que outro estômago teriam, com efeito, esses “pregadores da morte”, se esse mal é o seu próprio espírito?). Semelhante às aves de rapina, o estômago compulsivo

do último homem não cultiva o refinamento do gosto para degustar melhores iguarias; não sabe dizer “não” – *não isto* – com a mesma força que se diz “sim” – *bem isto*. Sabor e saber cheirando a bolor. Mofo com ares de nobreza. Assim é feita a refeição do homem do presente!

3 ZARATUSTRA E A LINGUAGEM EXTRAMORAL

Dentre a vasta obra de Nietzsche, *Assim falou Zaratustra* é certamente a de maior pluralidade de linguagens criadas no intuito de demolir, por meio de sua *crítica-criadora-destruidora*, antigas e assentadas formas de pensar, escrever e fazer filosofia desde a sua época. Extemporânea e atual, essa linguagem-outra que poderíamos chamar de *linguagem extramoral*, é capaz de rasgar o caos moral e sua *interioridade* ao ponto de dobrá-lo, desdobrá-lo, transbordá-lo em *exterioridade* errante, extravagante. Nem “além” nem “aquém” da moral, apenas linguagens arremessadas como flechas ao largo das convenções do pensamento e do conformismo das letras, instaurando uma nova forma (estilo) de escrever/viver a filosofia como pura indeterminação.

Então, o que dizer da linguagem proferida por Zaratustra ao longo de seus enigmáticos discursos, se sequer podemos defini-la por meio de um plano (rastros) no qual o animal-Nietzsche se faz vivente? Talvez não possamos, mas ao menos como um recurso à fábula – como o fez o próprio Nietzsche – podemos gerar uma espécie de contravenção da linguagem, na esteira de seu Zoroastro, a fim de potencializar novos e inflamados discursos contra a ordem instituída e suas “verdades”. E quanto às convenções da linguagem e suas inclinações à verdade, é o próprio Nietzsche quem questiona: “Mas, por outro lado, o que são as convenções da linguagem? São produtos eventuais do conhecimento e do sentido da verdade? Coincidem as coisas e suas designações? É a linguagem a expressão adequada de toda e qualquer realidade?” (NIETZSCHE, 1873/2011, p. 3).

Se ficcional ou real, é por meio dessa linguagem extramoral que a voz de Zaratustra se eleva retumbante:

– *Ó homens do presente!* Gozais a vida com muita moderação. Arremessastes para fora desse tempo e desse mundo a eternidade da vida, desejosos de viver, a contento de um “além-mundo”, a

plenitude de vossas almas. De pequenos prazeres é feita a vossa vontade aqui na terra como no céu. Conservais a saúde como ninguém, com medo de perdê-la na devassidão e no vício. Não conservais o caos dentro de vós – como os que outrora o fizeram – a fim de não serdes tachados de bárbaros ou selvagens. Empenhai-vos apenas em dissimular esse raio que faz uma estrela dançar. Não dançais, não saltais! Estais demasiado presos ao chão, ó homens do imobilismo! Não correrdes, não voardes! Caminhais coxos, para frente, mas olhando para trás, ó estátuas de sal! Não rides, a vida é demasiado pesada para isto. Apenas um riso gélido, glacial abranda as chagas da vossa existência.

– *Ó homens do conhecimento!* Fazeis do bem comer e beber uma arte vã. Sabeis digerir muitas coisas, quase tudo (pois este é o vosso ímpeto e ambição). Mas não cultivais a boa fome, o refinamento do gosto, o apetite em aprender. Pois então, melhor que não soubésseis fazê-lo, em nome de uma arte e uma educação mais elevada. Sois indiferentes! Quando sentais à mesa, mal apreciáis a boa comida, o bom vinho, as boas companhias. Sois porcos! Quando mastigais, digeris qualquer coisa. “Com náuseas os espezinho!”. “Ainda prefiro viver no meio de ladrões e de perjuros” a sentar-me à mesa convosco. Assim falou Zaratustra!

– *Ó desprezadores do corpo e da vida!* Fizestes da crueldade a vossa detestável volúpia. Estabelecestes um tempo primordial entre um passado de gosto insano e obstinado, e um futuro, talvez, de gosto mais seletivo. Mas esse *meio* é o vosso abismo. Pois celebrastes o corpo faminto e delgado, sem que cultivasses o apetite para a boa fome. Tornastes o corpo descarnado de desejo e casto na sedução. Fizestes a vida gélida e estática em todos os espaços para, em seguida, abandoná-la em nome de algum deserto miraculoso.

– *Ó despovoadores da terra!* Ó amantes do “além”! Vossa vontade é pequena demais para desejar algo superior a vós mesmos. Vosso orgulho é grande demais para abrir mão do egoísmo que restringe a vossa vã existência. Não admira que sejais os animais de suportaçã por excelência (mas não sem editardes a rapinagem como um de seus “próprios”). Convém lembrar: “a todos os animais roubou o homem as virtudes que deles são próprias; e isto porque, de todos os animais, foi o homem o que teve vida mais difícil” (Za/ZA, “De velhas e novas tábuas”, § 22). Disso se orgulham. Quanto maior o fardo, maior a promessa de redenção num mundo além, diga-se, a felicidade inventada.

– *Ó abismo da vontade!* Não quereis nada além deste irrisório contentamento, que tem o nome de “felicidade”? Melhor dizendo: quereis o *nada* ou nada quereis? Ó miséria da vontade! Assim tão logo acabareis por perecer! É lícito acontecer! O solo da vossa existência é demasiado infértil para fazer frutificar a nobre videira. Não suportais o fogo e as duras rochas lançadas à contra peito, ultrajando as vossas pequenas virtudes. *Sodoma e Gomorra* (agora reencarnadas em pudicas donzelas) cairão novamente, desvalidas, num vale de lágrimas. Não suportareis o escárnio de vossas pequenas virtudes. Amargareis o fogo e o enxofre, esse duro castigo que rebenta dos céus!

– *Ó caluniadores do mundo!* Vosso bando é servil demais, tosco demais para engendrar o algo novo. Sempre que vos reunis, limitai-vos a ruminar o passado e a maldizer o futuro. Quanto ao presente, ó desprezadores da vida, estais sempre descontentes com tudo ao vosso redor: “Tudo é ruim. Tudo é vão”. Mas, afinal, o que esperam da vida, os difamadores do mundo, se, como dizem, não há nada que justifique viver, desejar? Ó estranguladores do futuro! Submersos no egoísmo, é como viveis. Estais sempre às voltas com a pergunta: “Para onde caminhamos?”, desejando, com isso, endireitar o caminho, encontrar um atalho, uma salvação. Quereis saber: – Afinal, somos um “começo” ou um “fim”; uma “elevação” ou uma “queda”? Será que se aproxima o dia em que seremos “melhores” do que hoje somos? Qual o caminho para isto? Qual redenção nos apraz?

Perguntas demais, respostas de menos. De muitos modos, Zaratustra adverte ao viandante: – *Sê aquilo que és!* Nem melhor nem pior. – *Sê, simplesmente!* Experimentar e interrogar – nisto consiste o caminho. E não pergunteis pelo caminho, porque “o caminho” não existe! Também não busqueis pretensos atalhos, eles sempre puseram a humanidade em perigo com a ilusão da “boa nova”, abandonando do próprio caminho.

Para *bem* viver, basta saber: por variados caminhos e de variadas maneiras se chega a ser o que se é. Apenas *no* caminho é que se faz aquele que se torna o que é. Mas se usardes de covardia para refugiar-vos ante o prenúncio destas verdades, então eu rogo para que não vos escondais por toda a eternidade. Pois é chegado um novo tempo! Uma *Aurora* que se anuncia com o brado da rebeldia saída da boca dos *novos* homens – o “super-homem” – sempre um alvorecer. Aurora revestida em abismo de luz e que inunda as antigas paisagens e faz repousar, enternecida, a voz rouca dos velhos lamentos. É ali, pois, resguardada dos mausoléus dos velhos ídolos, que a vida retorna, em alegria de júbilo, com seu valor soberano. – Assim falou Nietzsche!

Contrariado, o *Último Homem* contra-ataca:

– Então, ó Zaratustra, se vos nomeais um “espírito de luz”, uma aurora e um prenúncio do “super-homem” (o *Übermensch*); se reiterais repetidamente que “o homem é algo que deve ser superado” (Za/ZA, Prólogo, § 3); se dizeis que o “verme-homem” (o parasita-animal, o homem do presente) lhe causa nojo e desconforto, e contra ele bradais com respeitável desprezo, dizendo: “não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos” (Za/ZA, Prólogo, § 5); se acusais o verme-homem de ter-se desenvolvido à custa de um passado de crueldade, e que, por isso, representa um retrocesso e uma dolorosa vergonha à espécie humana, carregando consigo essa mancha sangrenta da pré-história dos costumes; se, não obstante o brio afirmativo de vossa filosofia, fostes um pessimista quanto ao futuro do homem (dessa “forma-homem” que agora agoniza e se decompõe), deixando transparecer vossa mortal tristeza ao concluir que, ao invés de se auto-superar – como o fazem todos os outros seres – o homem não cessa de retroceder à baixa-mar de sua estirpe animal... Por tudo isso, ó elevado, questiono-te: por qual razão reivindicais uma “fé no homem” de dentro do fundo obscuro desse niilismo?

– Teríeis fraquejado à semelhante compaixão repartida com o animal abatido, o qual beijara a (própria) face? O que quereis, afinal, com esta “fé”? Salvar o homem e seu pobre destino? Mas, de quê? Contra quem? Dele mesmo? Quem sabe!? Ao menos “salvar sua alma”, de certo? – *Ah, nojo! Nojo! Nojo!* Vossa filosofia será uma “salvação”? Mas, então, onde está a “fidelidade à terra” que tanto prescreveis em vossas palavras: – “Eu vos rogo, meus irmãos, *permanecei fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas!” (Za/ZA, Prólogo, § 3)? O que quereis, repito, com esta “fé”? Devolver ao homem a sua saúde – saúde que vós tratastes de aniquilar? Livrar o homem de seu vil apequenamento e nivelamento servil? Acaso pretendeis encontrar no fundo frágil desta “alma malograda” que é o homem, algo que o justifique enquanto permanência e porvir? Resguardar ao homem o acaso de uma vida feliz ao abrigo de alguma eternidade? O que quereis, afinal, ó elevado, o que quereis?

– *Ah, nojo! Nojo! Nojo!*

Nem mesmo Zaratustra, no esplendor de sua aurora, foi capaz de desviar-se do sobrevoos do corvo da melancolia. Certa feita estava Zaratustra na companhia de seus animais quando, de repente,

viu-se arrastado, do alto de sua luz, por um mau espírito que o saltou de dentro, abatendo-o em profunda tristeza. Era um velho feiticeiro. Em verdade, um demônio. Ele o espreitou silenciosamente, tal como os animais noturnos fazem com as suas presas, tentando capturá-las no momento oportuno. Camuflado nas belas paisagens, foi hábil em ludibriá-lo com seu fascínio. Mal havia o convaléscente deixado a escuridão da sua caverna para respirar o ar bom e puro junto aos seus animais, e já veio esse demônio o assaltar com seu olhar impetuoso e derredor.

– *Ó demônio da melancolia!* Não tardou acontecer. Contra Zaratustra, o velho feiticeiro se mostrou um exímio antagonista: sério, metódico, profundo, solene (um espírito de gravidade: “a causa pela qual todas as coisas caem”), bem o oposto de seu rival, de espírito límpido e leve. E logo tratou de exercer contra ele a sua arte mágica: abatê-lo covardemente com o seu mau espírito: – “Ele saiu!” Sobressaltos e espasmos de ambos os lados.

Em vão lutar! Sua gargalhada é tal que ressoa em tom de escárnio e se espalha por todo o canto, espantando inclusive seus fiéis animais. Zaratustra hesita. Ensaia alguma resistência, mas está visivelmente fragilizado, enfermo. Reluta em amaldiçoar o demônio com vários nomes: os trasmundanos, os verídicos, os penitentes do espírito, os libertos das correntes, os homens do grande anseio, por fim, os homens superiores. E de que mais poderia camuflar-se, o vil demônio?

Em vão lutar! O velho feiticeiro é capcioso demais para deixar-se enganar por um espírito que, embora de força igual, já demonstrara sinais de cansaço e atração. Com sua astúcia, ele, o feiticeiro, oferece como iguarias, as vaidades mundanas que apetece todo o homem. E Zaratustra que também amou demasiado os homens experimenta, ensimesmado, o veneno que logo escorre em suas veias. “Mas quem lhe falou para engolir homens como ostras, príncipe Hamlet?” (NIETZSCHE, GC, 2001, § 167).

Zaratustra já não resiste e deixa-se tombar. Quer ter esse cálice como consolo ante aqueles que não o compreendem. Triste revelação! A verdade lhe chega, a contragosto, como uma aflição: mesmo entre os nobres, não há nobreza que dure eterna. Zaratustra, o acabrunhado, agora se encontra, à semelhança dos homens de pouca fé (os quais sempre desdenhou), em estado de soberba com seu próprio espírito.

Seduzido pelo seu demônio, Zaratustra também padece da *grande náusea*: “o velho Deus morreu e ainda nenhum novo Deus se acha de fraldas no berço” (Za/ZA, “O canto da melancolia”, § 2). Vil sortilégio! Também ele quis o impossível! “Noutro tempo, também Zaratustra projetou sua ilusão para além do homem, tal como os trasmundanos” (Za/ZA, “Dos trasmundanos”). Certa feita, à meia-noite, Zaratustra flagrou-se olhando com ternura a sua solidão desfeita. Solitário, vagueava e rondava o túmulo do seu Deus, com alguma enfermidade. A bem da verdade, a noite chega para todos. E é desses homens soturnos, por ora, que se afeiçoa o seu mau espírito (ainda que sob uma bela máscara de santo). O seu demônio é, também, a sua vaidade (ainda que encoberta sob a voz rouca do autodesprezo).

– Ó demônio do anoitecer! Desaparece com tua velha alma! – Abri os olhos, Zaratustra! Abri vossa mente! Suplicam os seus animais. Não deixeis subjugar por esse espírito, que é a vossa vontade! E Zaratustra suplica: “Ó meus animais... continuai a tagarelar assim e deixai que vos escute. Traz-me tamanho conforto, ouvir-vos tagarelar; onde se tagarela, já o mundo é ali, para mim, como um jardim” (Za/ZA, “O convalescente”, § 2). O nobre combatente está debilitado, mas seus animais não o abandonam, embora ele próprio os tivesse desprezado assim que tombou extasiado, junto ao seu mau espírito – *Ai de mim!*

Longamente, durante sete dias caiu prostrado, enfermo, como um morto. (Peraltices de um demônio que o empurrou para o abismo da sua própria fraqueza). Nenhuma vontade! Seu corpo já não dá sinais de vida; sua alma, agora despovoada de espírito, apenas reflete um tenebroso abismo. Mas seus animais o suplicam: – Por quanto tempo pretendeis permanecer nesta prostração, ó Zaratustra? Por que não vos podes de pé? Vamos! Voa! Dança! Salta! Sai desta caverna! O mundo lá fora te espera como um jardim! Eia! De pé! De pé!

Nos seus animais, Zaratustra encontra fortaleza e conforto. São os seus animais as suas pernas, pés e mãos nessa hora tão derradeira. Por meio deles, Zaratustra se recupera dos ataques de seu mau espírito, e já se apressa em convocar o seu pensamento mais abissal a que se levante – o seu sofrer. Zaratustra os repele: “ó farsantes e realejos!”. Zombam de sua tristeza sem o saber das motivações de seu sofrer. E agora o querem simplesmente vê-lo cantar e voar e saltar!? – Não, meus animais. Não serdes injustos. Isto não é uma simples recusa de meu espírito!

O homem do presente – o bom e o justo – cansado e apodrecido, em decomposição, esse ser abjeto – o verme-homem – não cai bem ao gosto e ao estômago de Zaratustra. Embora não odiasse completamente os homens ao ponto de dispensá-los de sua companhia, estes não faziam o seu tipo e sua ambição. Não, em parte. Pois foi amando avidamente os homens que ele desenvolveu este mau-gosto e esta recusa. De tanta proximidade com a natureza destes homens, seu nariz logo se enjoou. Mas aqui começa a emergir a sua arte: não suporta nem o cheiro nem o ar que eles respiram. E quanto menos a sua natureza se aproxima desses homens, tanto mais ele a ama e a seus animais – *ó meus animais, eu vos amo!*

Zaratustra não é um misantropo. É um desprezador, um artista do desprezo! Foi por sua recusa e fastio ao homem do presente que ele desenvolveu esse desejo *seletivo* como escárnio ao “demasiado humano” e sua desprezível natureza. Sua fisiologia do desejo expressa o respeito às línguas e aos estômagos rebeldes. A nobre arte da ruminação, com alegria e paciência, aprendeu estando no ofício com o seu mestre – o asno. Pois, com este animal se assemelha o seu espírito. Sempre que a náusea o acomete, é daquele “*I-A*” (o zurro do asno) que lhe vêm o seu “sim”, a sua saúde. O seu *Ja* (o seu “sim”) ressoa como uma homofonia entre o *lá* verbal desta palavra e o *I-A*, o zurro do asno; o seu *Ja* é a expressão da sua boa saúde, quando o estômago exigente e rebelde já aprendeu a dizer “eu” e “sim” e “não” (o “meu” gosto; o “meu” caminho). Sim, esse *I-A!* rebelde (afirmativo de si) ele aprendeu com o asno, não com os porcos, para quem mastigar é digerir qualquer coisa.

Com o tempo, o gosto e o estômago de Zaratustra se tornam mais e mais refinados. Sua arte não se liga a nenhuma meta ou promessa de redenção (ao modo cristão), pelo contrário, ela é a afirmação convicta de seu destino, sábio e impetuoso, porém errante. E por que haveria de digerir esses homens do niilismo apodrecidos, em decomposição, se, seu estômago, exigente e rebelde, encontra-se enfermo demais para consumi-los? – “*I-A!*”. Não! Definitivamente.

O homem do presente não o compensa ruminar: sua carne é azeda demais para comer; seu sangue é frio demais para beber; seus ossos são rígidos demais para roer. Melhor não! Mas, que remédio! Como uma espada, ele, o velho homem, atravessa a goela de Zaratustra, que agoniza com o dejetos em sua boca. “*Ah, nojo! Nojo! Nojo!*” Agora é tarde. Tendo-o mordido a cabeça, cabe arrancá-la e cuspi-la para bem longe de si – “*I-A!*” *Com náuseas o espezinho!* Sua enfermidade é fatal. O mal do

mar o abateu. Esta sensação de impureza, desalento e mácula acompanham Zaratustra, a contragosto, em seu longo ocaso.

Zaratustra é um convalescente que vive no limiar entre a doença e a boa saúde. Isto, por ter cultivado a nobreza de uma arte que despreza ao tempo em que deseja. Com a ajuda de seus animais, ele soube aniquilar a soberba daqueles que o impediam de voar cada vez mais longe, e dos que tentaram instaurar um estado de fadiga em seu pensamento. Ele, que incansavelmente se perguntou pelo presente, desenvolveu asas a fim de alcançar a plena liberdade de seu espírito. Aprendeu que a sabedoria do homem livre não consiste na meditação da morte (embora dela não esteja livre), mas sim, na da vida. Por isso, frente ao homem decadente do presente muitas vezes exclamou: *passo!*

Zaratustra é o porta-voz de uma descoberta reveladora: o *eterno retorno*. “Tudo vai, tudo volta; eternamente gira a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce, eternamente transcorre o ano do ser” (Za/ZA, “O convalescente”, § 2). Assim como tudo neste mundo retorna na roda do ser, eternamente retornará o homem e, neste, o que há de melhor e de pior, de grande e de pequeno, de virtuoso e de mesquinho – também retornará o último homem.

No anel do eterno retorno as próprias coisas dançam: dois-para-lá-dois-para-cá, perna-aqui-braço-acolá, um rodopio, um vai-e-vem de corpos que cruzam, fogem e sempre retornam. O *instante* é a passagem do tempo como condição da criação. Tempo *áion* em estado de *devenir*; nele, as coisas começam e se desfazem, separam-se e voltam a encontrar-se – sempre – eternamente num movimento de dança, pois, “curvo é o caminho da eternidade” (Za/ZA, “O convalescente”, § 2).

Mas, se tudo retorna no ano do ser, vê-se que, no homem, seja ele um forte ou um fraco, um esperançoso ou um desalentado, nele, absolutamente tudo igualmente retorna em seu ser, ou seja, aquilo que nele há de alegria e tristeza, de nobreza e virulência, de elevação e mesquinhez. Infinita é a roda do ser. Cíclico é o movimento do *devenir*. Eternamente gira o anel do eterno retorno. (E o ciclo do pessimismo se fecha para ambos os combatentes num tom de mortal tristeza).

Os animais não sabem (pelo menos não compreendem plenamente), mas, aqui, nesta visão do eterno retorno que revela a grandeza da vida, porém, junto dela, o que há de desprezível no homem, nisto se encontra a mortal tristeza que abateu Zaratustra. A *grande náusea*. Náusea em relação ao homem e a toda a sua existência. “Ah, *nojo! Nojo! Nojo!*” Essa melancolia faz Zaratustra duvidar de que

algum dia pudesse se tornar pescador de homens vivos (ao invés de um mero sepultador de cadáveres). Tentando reparar o vexatório, seus animais oferecem comida e conforto a Zaratustra. – Não fales mais, ó convalescente! Vamos! Voa! Canta! Salta! Transborda! Nenhuma resposta. Apenas repousa o débil pássaro, pois este foi o consolo que escolheu para si em meio a grande tormenta.

Ainda convalescente, mas já com a visão um pouco recuperada, Zaratustra testemunhou abater, no inimigo opositor, uma profunda tristeza e prostração. Eis o lamento do último homem: “Para que viver? Tudo é vão! Viver – é debulhar palha, viver é consumir-se no fogo, sem, no entanto, aquecer-se” (Za/ZA, “De velhas e novas tábuas”, § 13). Percebeu o visionário, que o sentimento de vazio e impotência tornava-se mais e mais uma “profissão de fé” entre aqueles que a todo custo se arrebanham para manter-se aquecidos do frio de suas almas, em demoradas exortações ao Santíssimo (*Rogai por nós, pecadores! Agora e na hora de nossa morte! Amém!*).

E qual destino seria reservado a estes homens ao fim do seu crepúsculo, ao anoitecer, na sua hora mais derradeira? Não estariam demasiado cansados para morrer? Não estariam todos secos, os sem-alma, tendo apagado o próprio fogo de seu espírito? Por que será que esses “fantasmas” do além-mundo continuam acordados, se já não vivem, se apenas agonizam em suas “câmaras mortuárias”? Haveria, afinal, um rasgo de “fé” que os fizessem alcançar a desejada “salvação”?

Sem mais tentativas. Sem mais “salvação”. Os dois animais, Zaratustra e o Último Homem, não somam forças para travar novo combate. Exausto e sem forças, o último homem suplica ao seu Deus que o valha nessa hora tão derradeira. Já os animais de Zaratustra – testemunhas do combate – cuidadosamente o recolhem ao resguardo de sua caverna. Pois foi de tanto refletir sobre o pessimismo dos homens, em soturnas batidas, que Zaratustra acabou afetado por esse desconforto que debilitou novamente a sua frágil saúde.

Há que descansar. Mais que isso. Há que abandonar os vestígios do verme-homem para seguir o seu próprio caminho. E foi isto o que fez Nietzsche, “ecce animot”, no esplendor de sua rebeldia: largou a caça ali, no meio do caminho, sem mais vestígios, e logo tratou de apagar o seu rastro para não mais seguir o antigo “bando” do niilismo nesta que seria a sua última e solitária aventura humana sobre a terra.

Renovado, ao alvorecer, Zaratustra é puro esplendor. Tem agora a sua “grande saúde” restabelecida. Alegre ele canta, dança, salta inocente como uma criança. Uma transmutação que o velho santo reconhece nos confins de sua floresta: “Sim, reconheço Zaratustra. Puro é seu olhar e não há em sua boca nenhum laivo de náusea. Não será por isso que caminha como um dançarino? Mudado está Zaratustra, tornou-se uma criança, Zaratustra, despertou, Zaratustra; que pretendes, agora, entre os que dormem?” (Za/ZA, “Prólogo”, § 2).

Eis a hora da transmutação! O *meio-dia*. A hora em que a escuridão dá à luz “uma estrela dançante”. Zaratustra é todo desejo. Vontade afirmativa de uma potência que se traduz por *apetite pela vida*. A perspectiva fisiológica do desejo em Zaratustra é expressão de sua arte e criação. Desejo enquanto a necessidade vital de um esforço em perseverar existindo. Desejo que é fluxo, corrente, devir. Desejo que é adjacência, passagem, prosseguir. Desejo que é potência, acontecimento, fremir. Desejo que excede, que escapa, que escorre, que não é lugar, apenas posição.

Zaratustra não almeja ser como o velho santo da floresta, “um urso entre os ursos, um pássaro entre os pássaros” (Za/ZA, “Prólogo”, § 2). Ele deseja ser a boca para outros ouvidos. Guiado por este *pathos* diferencial do apetite no desejo, o *animal-Nietzsche* – deixa para trás o verme-homem e o refúgio de sua caverna, e sai à caça de outras iguarias sempre na companhia dos animais que amou, *tecendo a manhã* de uma nova vida, algum *porvir*.

Fim do ocaso!

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.
- DERRIDA, J. **O animal que logo sou (a seguir)**. Trad. de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FOGEL, G. O homem doente do homem. A colocação de um problema a partir de F. Nietzsche e F. Dostoiévski. In: AZERÊDO, V D. de (Org.). **Encontros Nietzsche**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003, pp. 51-70.
- LARROSA, J. **Nietzsche & a Educação**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **A Gaia Ciência.** Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Escritos sobre educação.** Trad., apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUCqRio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Aurora:** reflexões sobre os preconceitos morais. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Ecce Homo:** como alguém se torna o que se é. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral.** Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Disponível em: <http://ensaius.files.wordpress.com/2008/03/sobre-a-verdade-e-a-mentira-no-sentido-extramoral.pdf> Acesso: dezembro de 2011.

¹ Gilcilene Dias da Costa é Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPa). Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Professora efetiva da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Membro da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (SOFIE) e do Grupo de Pesquisa Diferença e Educação (DIFERE/UFPa).